

## Pesquisa-Ação: Oficinas Emancipatórias como Instrumento de Pesquisa em Representações Cotidianas

Cássia Baldini Soares\*  
Elda de Oliveira\*  
Geisa Colebrusco Souza\*



Este trabalho tomou como objeto as representações cotidianas de escolares da periferia de São Paulo sobre os “rolezinhos”, compreendidas a partir dos fundamentos da Saúde Coletiva. “Rolezinho” é um fenômeno coletivo, realizados por jovens mais empobrecidos que saem espontaneamente pela cidade para dar um “role”, “passeio” e, nos últimos tempos, esses encontros ocorreram em *Shoppings Centers*. Esses eventos provocaram uma ação repressiva por parte da classe dominante e do Estado, representado pela polícia (VIANA, 2015).

A epistemologia marxista foi tomada como fundamento para a produção de conhecimento. Nessa vertente, o quadro teórico procura explicar a realidade particularmente investigada, relacionando-o aos elementos mais gerais da formação social - os que conformam a estrutura e a dinâmica social (Soares, et al., 2011; Soares et al., 2013).

Nesse referencial, a metodologia dialética preside a exposição dessas relações entre o objeto e a realidade social mais ampla, recorrendo-se às categorias de análise, capazes de explicar a realidade sob investigação (SOARES, et al., 2011). O pesquisador

\* Cássia Baldini Soares é profª Drª do Departamento de Saúde Coletiva (Escola de Enfermagem da USP); Elda de Oliveira é Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; Geisa Colebrusco Souza é Enfermeira. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Gerenciamento em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

lança mão também de métodos participativos de apreensão da realidade, que integrem o conhecimento do pesquisador à experiência de quem é sujeito de pesquisa (SOARES et al., 2013, SOARES, CORDEIRO, CAMPOS, 2013).

Dessa forma, neste estudo, optou-se pela pesquisa-ação emancipatória (PAE), na medida em que é uma modalidade de pesquisa, que integra a participação consciente dos sujeitos de pesquisa a respeito do fenômeno investigado no processo de apreensão e transformação da realidade através de processos pedagógicos críticos (Franco, 2005). A PAE objetiva compreender os problemas apresentados pela realidade, a partir do questionamento de sua naturalidade ou funcionalidade, buscando revelar suas múltiplas determinações e suas contradições (TRIPP, 2005; SOARES, CORDEIRO, CAMPOS, 2013; CORDEIRO, SOARES, 2013).

A pesquisa-ação (PA) apoia-se em medida considerável na pesquisa participante da área educacional, uma modalidade de investigação bastante sólida (TRIPP, 2005; FRANCO, 2005; MIRANDA, RESENDE, 2006; HAGUETTE, 1992; MOLINA, 2007; TOLEDO, JACOBI, 2013). Essa modalidade vem sendo utilizada na área da saúde (SOARES, CORDEIRO, CAMPOS, 2013; CORDEIRO, SOARES, CAMPOS, 2013), “o desafio encontra-se no desenvolvimento de ferramentas que possam melhor elucidar as relações entre o conjunto de saberes histórico-sociais constituídos e a reprodução no cotidiano da vida social dos sujeitos e grupos” (SOARES et. al., 2011, p. 1754).

Como se fundamenta no método dialético (MIRANDA, RESENDE, 2006; FRANCO, 2005), a PAE possibilita relacionar os problemas cotidianos (microcontextos) com os aspectos da estrutura e dinâmica social mais ampla (macrocontextos), aspecto fundamental para a compreensão da reprodução social.

O método dialético não cinde a realidade, mas possibilita trabalhar com partes da realidade (microcontextos). Essas partes relacionadas entre si constituem a totalidade social (macrocontextos), que é dinâmica e está em constante construção. Ao analisarmos o microcontexto, parte viva e indivisível da totalidade, frente ao macrocontexto, somos expostos às contradições (ZAGO, 2013), principalmente, frente à construção do pensamento do senso comum, saber espontâneo e imediato da coletividade, que norteia e refletem as ações e relações cotidianas, geralmente, pensamentos ideológicos da classe dominante (VIANA, 2008). Assim, a dialética rompe

com as justificativas imediatas do cotidiano, atingindo a essência das coisas por meio do pensamento científico (ZAGO, 2013).

### **As diferentes manifestações das representações cotidianas**

Compreende-se, a partir de Viana (2015) que a expressão *representações cotidianas* intitula um conceito, que é distinto de outras formas de representação, como as do teatro ou as dos diferentes tipos de mídia. A definição do termo representações - “tornar novamente presente o que está ausente” (VIANA, 2015 p.27) - não se restringe apenas a objetos, mas inclui as ideias e a consciência de si mesmo. A consciência do sujeito é a sua totalidade, “é autorrepresentação e representação de tudo que o indivíduo consegue representar” (VIANA, 2015, p.28), mas manifesta-se em fragmentos.

A representação é a ação consciente de trazer à luz “algo” ausente, ocorre sempre sobre algo circunscrito, delimitado, é uma parte representada do todo, a consciência. Assim, as representações da consciência se manifestam parcialmente em nossa vida cotidiana. Pode-se, grosso modo, dizer que - as representações cotidianas são recortes simples de como se compreende o mundo (VIANA, 2015).

As representações cotidianas manifestam-se de formas distintas, a depender do contexto, dos tempos históricos e dos modos de produção e se relacionam com a base material das classes sociais, a divisão técnica e social do trabalho, que ocasiona um determinado modo de vida e cotidianidade. Na sociedade classista, as representações cotidianas não são homogêneas, assumem diferentes formas, nas diferentes classes sociais, ainda que, apresentem elementos comuns entre as classes sociais, que são da sociedade de modo geral (VIANA, 2015).

As representações cotidianas são derivadas da nossa vida cotidiana (a realidade) e diferem de outras formas de representações pelos atributos que possuem - a simplicidade, a naturalidade e a regularidade. As representações cotidianas passam pelos processos de: simplificação, que não exige reflexões e soluções do indivíduo para dar respostas imediatas aos acontecimentos que os cercam; naturalização - não há questionamentos, toma-se o mundo como natural; e a regularização - ações repetitivas e regulares que acarretam a previsibilidade das práticas cotidianas (VIANA, 2015).

Os sujeitos desenvolvem representações cotidianas simples, congruentes e/ou complexas. As representações complexas são, em certa medida, atributos da classe intelectual, embora não se anule a possibilidade que sujeitos oprimidos têm, ao se

dedicar ao pensamento e formação de ideias, desenvolver formas mais coerentes de pensamento. As representações congruentes não chegam a ser estruturadas da maneira complexa como as ideologias e as teorias, à medida que apresentam contradições e lacunas originadas dos seus limites (VIANA, 2015). O que vai diferenciar as possibilidades no grau de estruturação são os processos de socialização. Portanto, as representações cotidianas não são atributos de uma classe específica, mas, as congruentes e complexas estarão mais presentes entre os intelectuais.

Os sujeitos nascem envolvidos em torno de representações cotidianas e pensam a partir deste universo que lhes envolve. O acesso ao pensamento complexo, em nossa sociedade, ocorre via processo de socialização específico, a socialização escolar, que apresenta níveis e gradações diferentes. Através deste processo, parte da população passa a produzir e/ou reproduzir o pensamento complexo (VIANA, 2008).

Em sua constituição as representações cotidianas são internamente coerentes, e apresentam um elemento que é nuclear - as convicções, que frutificam da reflexão e escolhas introjetadas, e elementos que são periféricos - as opiniões, que frutificam da aceitação de ideias socialmente divulgadas (VIANA, 2015). A opinião tem caráter mais instável e mutável, enquanto que a convicção, mais sólido e está incorporada ao caráter do sujeito e pode assumir a forma de valores (SOARES et. al, 2011).

As representações cotidianas podem ser reais, contraditórias e ilusórias. As representações cotidianas dos oprimidos (classe explorada) tendem a serem contraditórias com elementos de verdade e falsidade concomitantemente, geralmente, são as representações presentes no imaginário. O que vai distinguir o imaginário da ideologia, duas formas principais de ilusão, é a sua simplicidade em comparação ao pensamento ideológico que é complexo e sistematizado, embora ambos “naturalizam o que é histórico e social [e] invertam a realidade” (VIANA, 2013, p. 96), portanto elas coexistem, influenciando-se reciprocamente.

Desta forma, os indivíduos condicionados ao trabalho manual não têm condições sociais, materiais e culturais para construir ideias sistemáticas da realidade, e, portanto, produzem as representações simples, cotidianas, ao passo que o pensamento complexo, produzido pelos intelectuais pertence às classes privilegiadas, que têm condições para formular essas representações complexas, sistematizadas (VIANA, 2015). Ocorre que,

na divisão entre esses dois grupos, os últimos decodificam os fatos da realidade com a ideologia de sua classe de pertencimento (BODERNAVE, 1983).

### **Apreensão das representações cotidianas: a partir da pesquisa-ação emancipatória**

O ponto de partida para apreender as representações cotidianas é apoiar-se no referencial teórico, o materialismo histórico-dialético. Recomenda-se utilizar as técnicas de pesquisas qualitativas, preferencialmente, as entrevistas aprofundadas, porque elas localizam o sujeito de pesquisa em seu modo de vida e permitem a reflexão sobre seu discurso, refazendo-o ao longo da entrevista, trazendo à luz suas convicções e/ou as opiniões (SOARES et. al, 2011). As técnicas grupais, por exemplo: o grupo focal e as entrevistas em grupo fazem emergir predominantemente as opiniões dos sujeitos de pesquisa, opiniões que refletem a aceitação de um padrão de pensamento coletivo (VIANA, 2015).

Neste artigo defende-se que a PAE, desenvolvida por meio de oficinas emancipatórias - um tipo de metodologia grupal, permite que as representações cotidianas, que refletem convicções dos envolvidos, venham à tona. Isto é assim porque ela contempla a instrumentalização dos participantes nas investigações por meio de um processo pedagógico participativo (SOARES et al., 2009; CORDEIRO, SOARES, CAMPOS, 2013).

As oficinas emancipatórias têm por base a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC), desenvolvida por Saviani (2005) e as diretrizes pedagógicas de Paulo Freire (FREIRE, 2002; SOARES et al., 2009), que dialogam com os fundamentos teóricos da PHC (SOARES, CORDEIRO, CAMPOS, 2013). A operacionalização prática das oficinas emancipatórias se dá em etapas de acordo com a proposta de Saviani (2003), o que converge com a operacionalização da PAE: identificação do problema, planejamento de uma solução, implementação, monitoramento e avaliação (TRIPP, 2005), o que já foi discutido em outro espaço (SOARES, CORDEIRO, CAMPOS, 2013).

Para que a PAE se concretize, o pesquisador estabelece contato com os sujeitos da pesquisa a partir da problematização da realidade que se tem previamente. O que se deseja é estabelecer uma aproximação e identificação do problema, ou seja, observar sistematicamente os elementos que fazem parte do fenômeno de interesse (SAVIANI, 2003). É um diálogo situacional de identificação do contexto e do grupo social historicamente determinado.

Para que esse processo se desenvolva, o pesquisador pode recorrer a diferentes recursos. No exemplo de Panaino (2014), os grupos se formaram a partir de contextos particulares entre indivíduos que trabalhavam ou viviam, a saber: moradores de rua, frentes de trabalho da prefeitura, matriculados em cursos de qualificação profissional da prefeitura, estudantes de curso noturno de veterinária e estudantes de curso integral de medicina em faculdade privada. Outro exemplo é o uso do Índice de Reprodução Social (IRS), que por meio de questionário caracteriza a condição de reprodução social do grupo. O IRS é composto por variáveis que dizem respeito ao âmbito da produção (trabalho) e do consumo (modos de vida). Ele classifica as famílias em quatro grupos sociais, que permitem identificar “os perfis de reprodução das famílias que, em conjunto com os perfis de saúde e doença, conformam os perfis epidemiológicos” (TRAPÉ, 2011, p.131).

Dessa forma, quando o pesquisador escolhe o seu local de pesquisa, seja ele um território, uma escola, um grupo de profissionais, uma Unidade Básica de Saúde, ele está trabalhando com diversos elementos que fazem parte do contexto social em que os sujeitos de pesquisa estão inseridos e estes elementos ajudam a perceber a inserção de classe.

Após reconhecer o grupo social a quem está se dirigindo, se faz a proposta aos sujeitos para perceber o quanto se envolvem com a problemática previamente identificada pelo pesquisador. Em seguida, vem a pactuação com os sujeitos de pesquisa, em relação aos dias e horários específicos das reuniões, para que esses possam participar ativamente dos encontros e das discussões emergidas no processo, informando que todo o material coletado será registrado, gravado ou filmado, e analisado de um encontro ao outro para engendrar as novas discussões. Assim, os sujeitos da pesquisa participam do processo de captar e contextualizar a realidade na qual o fenômeno está inserido, problematizando-o. Considerando que, a realidade social é constituída das relações sociais dos indivíduos e a realidade natural é o conjunto da natureza e o meio ambiente ao redor, constituído pelas relações sociais estabelecidas (VIANA, 2008).

No decorrer da pesquisa, são realizados vários encontros problematizando e aprofundando o tema do estudo, não havendo um número previamente estabelecido de encontros, assim como, não há número específico de sujeitos de pesquisa, todavia,

espera-se que tenha expressão significativa que represente o grupo investigado. O fenômeno analisado deve estar inserido na realidade e deve ser investigada dentro da realidade escolhida, e também, na totalidade da sociedade, explicitando as contradições existentes.

No desenvolvimento da PAE há interação entre pesquisador-sujeito de pesquisa, as representações do pesquisador sobre a realidade é diferente do sujeito investigado, porque ambos possuem repertórios internos e externos diferentes (BODERNAVE, 1983), que constituem os diferentes modos de vida, isto é, as manifestações de suas vidas são dependentes de seu modo de produção, das condições materiais de sua produção, das relações sociais estabelecidas, dos signos e seus significados, da cultura, em síntese, constituindo a cotidianidade do sujeito que é a totalidade de sua vida social (VIANA, 2008).

As representações da realidade se conformam nas características da vida cotidiana, cotidianidade, onde são formados os valores, convicções e opiniões, assim, o fenômeno investigado se estabelece de acordo com elas (VIANA, 2008). No diálogo estabelecido entre pesquisador-sujeito de pesquisa é necessário quebrar as assimetrias na linguagem que são resultantes da reprodução social em que o sujeito se encontra (ZAGO, 2013) a fim de estabelecer comunicação horizontal e participativa.

O elemento fundamental da investigação das representações cotidianas é distinguir as opiniões das convicções. No início da problematização as opiniões são facilmente apreendidas, possibilitando o pesquisador direcionar a investigação, buscando ferramentas que possibilitem aprofundar a discussão, recorrendo ao referencial teórico que dá sustentação às discussões e as interpretações da realidade dos sujeitos confrontando-as com a totalidade da sociedade (SAVIANI, 2003; SOARES, CORDEIRO, CAMPOS, 2013). Neste processo, a gama de informações apreendidas possibilita a apreensão da cultura, dos valores, convicções e opiniões, ou seja, das representações cotidianas do grupo investigado.

No decorrer da PA, os participantes, vão reinterpretando a realidade, revelando o movimento da consciência. Ao trazerem suas experiências e percepções da realidade, expõem suas representações falsas da realidade, o que propicia durante os encontros e na própria discussão do grupo, desentranhar o que é ilusório e o que é verdadeiro. Assim, os participantes vão elaborando seu conhecimento e pensamento vai tomando

consciência da mudança que ocorre em si, e, ao fazer constante avaliação e reflexão, suas convicções emergem, momento em que a PAE conforma seu caráter emancipatório, essencial para que possam se libertar das amarras ideológicas (FRANCO, 2005).

### **Representações cotidianas dos jovens da periferia sobre os “rolezinhos”**

A título de exemplo, a análise de uma categoria empírica “os rolezinhos” apreendida das discussões na PAE realizadas com jovens cuja temática era a educação sobre drogas direcionadas aos jovens pela mídia<sup>1</sup>. O fenômeno “rolezinho” surgiu nas discussões das oficinas para amparar a discussão da exclusão social dos jovens da periferia. A categoria de análise foram as representações cotidianas. Os sujeitos de pesquisa eram jovens com idades entre 15 e 17 anos, tendo em média 13 participantes. O local da pesquisa foi uma escola estadual de ensino fundamental e médio na região de Guaianases, São Paulo (SP). Partiu-se problematizando a realidade concreta, contrastando com a realidade midiaticizada. A midiaticização possui dois interesses - de um lado, analisa a mudança da mídia e da comunicação, do outro lado, a mudança da cultura e da sociedade (HEPP, 2014) e questionou-se a mediatização, isto é, fatos da realidade, que são selecionados e decodificados, carregados da ideologia dos sujeitos que selecionam e entregam suas construções da realidade na mídia (BODERNAVE, 1983).

O grupo foi conciso de que o “rolezinho” teve início nas redes sociais, principalmente, o *Facebook*, a partir dos *MCs* influentes do *funk*, demonstrando que a comunicação midiática faz parte do cotidiano dos jovens possibilitando outra forma de organização social, das formas tradicionais, ou seja, face a face.

As representações sobre o fenômeno se dividiram em duas. Um grupo naturalizou a ideologia midiaticizada, aceitando suas ideias e opiniões, que conceberam o “rolezinho” como “baderna”, “tumultos”, “quebra-quebra” realizado por “funkeiros”. O grupo destacou que os “rolezinhos” nos *Shoppings Centers* tiveram muitos adeptos ao movimento, o que não ocorreu no parque. Justificou a diferença da participação, salientando que no *Shopping Center* há produtos de consumo, mais possibilidades de fazer “badernas” e aparecer na mídia, simplificando o fenômeno. Ainda que o grupo tenha representação ilusória do movimento como “baderna”, citou que os participantes

---

<sup>1</sup> Os resultados ora citados são frutos da pesquisa de doutoramento “Educação sobre drogas direcionadas aos jovens pela mídia”.

estavam quietos, mas com a chegada da polícia com violência, todos reagiram com violência.

Outro grupo destacou que os jovens participantes dos “rolezinhos” tinham por objetivos conhecer pessoas com quem interagem no *Facebook* e não conheciam face-a-face, “pegar meninas”, encontrar amigos, passear em grupo no *Shopping Center*, distinguindo-se da “baderna”. Um jovem citou ter seu amigo exposto no jornal como “baderneiro”, no entanto, o momento em que a foto foi realizada, seu amigo estava querendo sair do meio da multidão. Esse último grupo, não naturalizou o fenômeno segundo a ideologia midiaticizada, percebeu contradições entre o midiaticizado e o real. Afirmou que a mídia veiculara apenas o lado negativo, transmitindo cenas de agressão, roubos e comportamentos “fora da ordem”, ou seja, inverdades, principalmente sobre os jovens que participaram dos “rolezinhos” no *Shopping Center* de Guaianases. Para este grupo, se houve roubo, os jovens roubaram entre si, pois os comerciantes do *Shopping Center*, com medo de serem roubados, fecharam os comércios uma hora e meia antes do evento.

Os jovens foram estimulados a procurarem em casa, mídias que falassem o lado positivo, dos “rolezinhos”. Poucos realizaram a busca em casa, recorreu-se, então, no encontro seguinte, a internet da escola. Os jovens buscaram informações no *Google* e similares, pelo *Facebook*, ainda, outros, preferiram buscar vídeos que abordavam o tema. Eles apresentaram dificuldades em elaborar a busca e utilizar as palavras-chaves, selecionavam as primeiras notícias arroladas, faziam leituras superficiais do título, do primeiro parágrafo e tentavam reproduzir o que havia encontrado. Percebeu-se que os jovens não avaliavam as origens das informações.

Para Fígaro e Grohmann (2014) a internet e as redes sociais são campos férteis para explorar os discursos midiaticizados, as ideologias, as hegemonias, mas à medida que se desentranha o fenômeno em questão, tornam-se visíveis as contradições e os conflitos. Que no caso específico dos “rolezinhos”, a circulação do fenômeno nas redes sociais fez dele palco da “luta de classes”.

Em relação às notícias encontradas, identificaram que os “rolezinhos” já aconteciam na sociedade, geralmente em postos de combustíveis, mas o tema, até então, não era importante para a mídia. Afirmaram que, atualmente a mídia se interessou devido às “badernas” que os jovens vinham causando na sociedade, facilmente

identificaram-se as opiniões dos jovens e suas representações ilusórias coadunando com a midiáticação dos “rolezinhos”, nas diferentes redes midiáticas. Embora, reconheceu-se que nesse encontro, outros elementos contraditórios foram elencados, sendo os pontos positivos do “rolezinho” citados como: foi um grito por lazer, ocupação das ruas, mostrarem sua força, se unirem para ajudar as pessoas, confrontando-se com suas primeiras opiniões sobre os “rolezinhos”. Poucos jovens aprofundaram na busca acerca dos reais motivos da realização dos “rolezinhos” e refletiram sobre distorções da realidade midiaticada.

Um dos jovens que realizou a busca em casa, refletiu criticamente com o grupo sobre a leitura realizada. Ele havia lido uma charge que falava do “funkeiro” organizador dos “rolezinhos” que tentava comunicar-se com a Presidenta da República Dilma, mas a linguagem utilizada, “as gírias”, não era compreendida pela presidenta, necessitando de um tradutor. Também trouxe comentários lidos na internet em que afirmavam que, a maioria dos participantes dos “rolezinhos” eram negros e de baixa renda. Todo o grupo ouviu atentamente a contribuição desse jovem, e discordou das informações midiaticadas. Para os jovens, a mídia não estava sendo correta.

Outras fontes de notícias que abordavam o tema, diferentemente da mídia de massa, principalmente a televisão e de outras notícias veiculadas na internet, foram oferecidas pelo pesquisador. Após a leitura e explicação, todo o grupo afirmou que, até aquele momento, antes da leitura com o pesquisador sobre os “rolezinhos” não havia realizado leituras sem que o lado negativo dos “rolezinhos” fosse salientado, demonstrando que as informações da grande mídia, são aceitas, simplificadas e naturalizadas, geralmente levando os jovens para as representações ilusórias, reproduzindo e aceitando-as.

Um dos pontos discutidos foi a diferença entre o evento organizado pelos estudantes da Universidade de São Paulo – USP que comemoraram a entrada no curso superior em um *Shopping Center* da cidade de São Paulo, comparando com a liminar de proibição dos jovens das periferias entrarem em grupo nos *Shoppings Centers*. As proibições impostas foram tidas pelos jovens como preconceituosas. Perceberam que, o que está por trás desta proibição é a diferença de classe social e a exclusão social a que estão submetidos. No ajustamento das discussões e com os diálogos realizados emergiram as convicções dos jovens.

Os jovens compararam os estereótipos de um jovem rico com um jovem pobre nos *Shoppings Centers*. Do ponto de vista desses jovens, os ricos são mais despojados, mais à vontade que os pobres, que vão todos arrumadinhos e que querem parecer ricos. Percebeu-se que os jovens têm um estereótipo irreal dos ricos, pois se vão aos *Shoppings Centers* arrumados, tentam reproduzir um padrão de se vestir para pertencimento.

Assim, ao longo das oficinas, os jovens foram estimulados a explorar as representações cotidianas sobre “rolezinhos”, os elementos de veracidade, falsidade estimulando-os a se afastarem da produção midiaticizada do “rolezinho” evitando e superando leituras da realidade simplificadas, naturalizadas e regularizadas além de serem estimulados a elaborarem ideias mais coerentes com elementos sistematizados acerca da realidade (diferenças de classes e aceitação de eventos coletivos nos *Shoppings Centers*, possibilidades de consumo pelos jovens).

No final do processo os jovens estavam convictos de que os “rolezinhos” foi uma forma da juventude da periferia reivindicar visibilidade na sociedade, o mesmo direito de acessar e ocupar os espaços sociais, de ocupar as ruas, ir a *Shoppings Centers* em grupo e ter acesso ao consumo, como as demais classes sociais. Estavam convictos de que os “rolezinhos” atrelados ao *funk*, que também representa a periferia, são parte de processos duplos de exclusão, uma por ser jovem da periferia, outro por ser um movimento de “funkeiros” também de origem na periferia. Por isso, a midiaticização do lado negativo e a exclusão do movimento. Concluíram que os jovens possuem força para fazerem suas reivindicações e conseguirem o que desejam, mas isso só ocorrerá enquanto grupo social.

Diante do exposto, não foram todos os jovens que concebeu a ideologia midiaticizada como verdade, demonstrando que esses fizeram uma leitura crítica da mídia, e perceberam as contradições entre a realidade concreta e a realidade midiaticizada. Além disso, ampliaram a discussão para a totalidade, das relações de classes sociais imbricadas no fenômeno, quando discutiram o acesso dos estudantes uspianos em evento similar ao “rolezinho”, ao comemorarem o acesso à universidade num grande *Shopping Centers* de classe média em São Paulo.

Dessa forma a PAE teve a potencialidade para avançar no desenvolvimento do pensamento crítico do grupo, no sentido de que, nas primeiras aproximações com o

pesquisador, as opiniões emergiram de forma simplificada e naturalizada, vinculada aos fatos midiáticos. À medida que os encontros avançaram, estimulados a explorarem o fenômeno, elementos que conformam as convicções foram se delineando e teve potencial para transformar as representações cotidianas falsas à medida que foram se distanciando da ideologia dominante, midiática.

Pode-se afirmar que, ao longo dos encontros, os jovens puderam refletir e reelaborar suas colocações acerca da temática em questão a partir do fato midiático e de novos elementos elencados pelo pesquisador e pelo grupo, a partir de uma perspectiva mais ampla da realidade apresentada, contrastando os “rolezinhos” com as diferenças de classes sociais. Nesse processo houve alteração na consciência, e os jovens desenvolveram maior capacidade reflexiva e crítica, dando coerência e organização nas representações cotidianas e nas informações midiáticas. Alguns jovens saíram convictos que necessitam ter pertencimento em grupos que são ativos para reivindicarem suas necessidades de saúde e social, e que o “rolezinho” foi apenas um pequeno exemplo de forças que possuem para engendrar as mudanças, que no fenômeno citado, se relacionou com a proibição de frequentar lugares de forma mais democrática.

### **Considerações Finais**

Ao partir do referencial teórico do materialismo histórico e dialético e da categoria de análise das representações cotidianas para apreender o fenômeno dos “rolezinhos” utilizou-se a pesquisa-ação emancipatória como técnica de coleta de dados. Essa técnica, embora grupal, permitiu emergir dos encontros as representações cotidianas, com elementos de opiniões e convicções. Atribuiu-se essa possibilidade por levar em consideração um grupo mais homogêneo, inseridos num contexto social que permitiu representatividade de classe social.

A pesquisa, da forma como foi estruturada, possibilitou apreender a realidade com as heterogeneidades presentes na cotidianidade, sem desconsiderar os processos desiguais e a totalidade da sociedade. Dessa maneira, os jovens puderam

refletir e reinterpretar suas colocações, a partir de uma perspectiva mais ampla da realidade, sem simplificar e naturalizar o fenômeno do “rolezinhos”.

Para captar as representações cotidianas, a literatura cita alguns procedimentos metodológicos que possa emergir, no discurso dos sujeitos, para além das falas superficiais, as convicções e que esses sujeitos possam chegar a essas convicções ao fazer e refazer suas colocações. Dessa forma, a PAE se mostrou pertinente para a pesquisa sobre as representações cotidianas.

### **Referências**

- BODERNAVE Juan ED. *Além dos meios e mensagens. Introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência*. Petrópolis: Vozes; 1983.110p.
- CORDEIRO Luciana, SOARES Cassia B, CAMPOS Célia MS. *Pesquisa ação na perspectiva da Saúde Coletiva: relato de experiência da formação de agentes comunitários da saúde para o enfrentamento do consumo prejudicial de drogas*. *Sau. & Transf. Soc.* Florianópolis (SC) 2013; 4 (2): 106-116.
- Fíguro Roseli, Grohmann Rafael. Lutas de classes e os ‘rolezinhos’: uma abordagem na perspectiva dos estudos de recepção. *Anais do XXIII Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Pará, 27 a 30 de maio de 2014*.
- FRANCO MAS. *Pedagogia da pesquisa ação*. *Educação e Pesquisa* 2009, 31(3): 483-502.
- FREIRE Paulo. *Extensão ou comunicação?* 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra; 2011. 131p.
- FREIRE Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 32ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2002.
- HAGUETTE Terezinha MF. *Metodologias qualitativas na Sociologia*. 3ed. Petrópolis: Vozes; 1992.
- HEPP A. As configurações comunicativas de mundos mediatizados: pesquisa da mediatização na era da “mediação de tudo”. *Matrizes*. 2014;8(1): 45-64.
- MIRANDA MG, RESENDE ACA. *Sobre a pesquisa-ação na educação e as armadilhas do praticismo*. *Rev Bras de Educ.*2006; 11(33): 511-565.
- MOLINA R. *A pesquisa-ação/investigação-ação no Brasil: mapeamento da produção (1966-2002) e os indicadores internos da pesquisa-ação colaborativa [Tese de doutorado]*. Faculdade de Educação, USP, São Paulo. 2007.

- SAVIANI Demerval. *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política*. Campinas (São Paulo): Autores associados; 2003.
- SAVIANI Demerval. *Pedagogia histórico-crítica*. 9<sup>a</sup> ed. Campinas: Autores Associados; 2005.
- SOARES Cassia B, CAMPOS Célia MS, LEITE AS, SOUZA CLL. *Juventude e consumo de drogas: oficinas de instrumentalização de trabalhadores de instituições sociais, na perspectiva da saúde coletiva*. Interface. Comunicação, Saúde Educação. 2009;13(28):189-99.
- SOARES Cassia B, CAMPOS Célia MS, YONEKURA Tatiane. *Marxismo como referencial teórico- metodológico em saúde coletiva: implicações para a revisão sistemática e síntese de evidências*. Rev Esc Enferm USP. 2013; 47(6):1403-9.
- SOARES Cassia B, CORDEIRO Luciana, CAMPOS Célia MS. *Pesquisa-ação emancipatória: uma proposta metodológica essencial para a enfermagem*. In: Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem. 2013; 17 jun 3-5. Anais. Natal: Associação brasileira de Enfermagem – Seção Rio Grande do Norte, 2013.
- SOARES Cassia B, SANTOS Vilmar E, CAMPOS Célia MS, LACHTIM Sheila AF, CAMPOS Fernanda C. *Representações cotidianas: uma proposta de apreensão de valores sociais na vertente marxista de produção do conhecimento*. Rev Esc Enferm USP. 2011; 45(Esp. 2):1753-7.
- TOLEDO RF; Jacobi PR. *Pesquisa-ação e educação: compartilhando princípios na construção de conhecimentos e no fortalecimento comunitário para o enfrentamento de problemas*. Educ Soc. Campinas. 2013; 34 (122):155-173.
- TORREZAN RM, Guimarães RB, Furlanetti MPFR. *A importância da problematização na construção do conhecimento em saúde comunitária*. Trab.Educ.Saúde, Rio de Janeiro. 2012; 10(1): 107-124.
- TRAPÉ Carla A. *A operacionalização do conceito de classes sociais em epidemiologia crítica: uma proposta a partir da categoria reprodução social* [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2011.
- TRIPP David. *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. Educação e pesquisa 2005; 31(3): 443-66. Tripp, 2005;
- VIANA Nildo, Soares Cassia B, Campos Célia MS. *Reprodução social e processo saúde-doença: para compreender o objeto da saúde coletiva*. In: Soares CB, Campos

CMS. Fundamentos de Saúde Coletiva e o cuidado de enfermagem. São Paulo: Manole; 2013.

VIANA Nildo. *A pesquisa em representações cotidianas*. Lisboa: Chiado Editora. 2014 (no prelo).

VIANA Nildo. *O significado dos rolezinhos*. Revista Posição. 2014;1(1):4-8.

VIANA Nildo. *Senso comum, representações sociais e representações cotidianas*. Bauru: Edusc; 2008.

ZAGO Luis H. *O método dialético e a análise do real*. Kriterion, Belo Horizonte. 2013, jun(127): 109-124.

### **Resumo**

Esse estudo analisou as representações cotidianas de escolares sobre os “rolezinhos”. Adotou-se a pesquisa-ação emancipatória (PAE), com jovens entre 15 e 17 anos. Ao final da PAE, houve diferença entre as representações sobre os “rolezinhos”, nem todos conceberam a ideologia midiaticizada como verdade ao ampliarem a discussão do fenômeno relacionando-o com as relações de classes sociais. A PAE, embora técnica de coleta grupal, mostrou-se pertinente para apreender as representações cotidianas.

**Palavras-chave:** pesquisa-ação, representações cotidianas, “rolezinho”, mediação.

### **Abstract**

This study analyzed the scholar's everyday representations of “rolezinhos”. The emancipatory action research with teenagers between 15 and 17 years was adopted. At the end of it differences between the representations of "rolezinhos" were found within the group. After extending and discussing the phenomenon and relating it to the relations of social classes, not all teenagers conceived the mediated ideology about “rolezinhos” as truth. The emancipatory action research, despite of being a group collection technique, proved to be relevant to capture the everyday representations.

**Key words:** action research, everyday representations, “rolezinho”, mediatization